

## **A POSTERIDADE DE ARARIBÓIA**

**Vicente Cretton Pereira**

Antropólogo e Docente na Universidade Federal de Viçosa  
vicente.cretton@ufv.br

**Heber Val Magalhães**

Pesquisador Amador  
hebermagalhaes@hotmail.com

O líder temiminó Araribóia, conhecido entre os portugueses pelo nome Martim Afonso de Sousa, recebeu da Coroa o hábito de Cristo por sua significativa contribuição na imposição da autoridade de Lisboa sobre a baía de Guanabara. Seu papel na fundação do Rio de Janeiro é bem conhecido e é particularmente celebrado em Niterói, município cuja origem está associada ao estabelecimento por ele da aldeia de São Lourenço dos Índios na margem oriental da baía. Ao requisitar as terras dessa povoação em 1568, o chefe indígena dizia pretender trazer sua mulher e parentes para ajudar a povoar e defender a nova cidade do Rio de Janeiro. Essa esposa, porém, deve ter falecido em 1569 porque, segundo relato do padre Gonçalo de Oliveira, Araribóia contraiu novo casamento em maio de 1570 com uma "mameluca, filha de branco, com muito contentamento de tôda a gente assi portugêsa como temiminó"<sup>1</sup>. Além destes dois relacionamentos, é possível que tenha havido outros de cujas existências não ficaram vestígios escritos. Sabe-se que um ramo de seus descendentes masculinos reteve por mais de dois séculos a posição de capitão-mor da aldeia de São Lourenço mas o destino de suas filhas mulheres foi menos explorado. Oferecemos aqui o resultado de uma pesquisa que permite esclarecer mais detalhes sobre a posteridade da célebre figura histórica, ligando-o a famílias já parcialmente descritas por Rheingantz:

Dele vieram:

1. Manoel de Sousa ocupou a posição de seu pai como capitão-mor da aldeia de São Lourenço dos Índios, cargo em que ainda servia em 1616 quando solicitou a anulação de cartas de sesmarias concedidas a seus cunhados que julgava terem invadido terras da aldeia<sup>2</sup>.

Tiveram:

- 1.1. Martim Afonso de Sousa, o neto, capitão-mor da aldeia de São Lourenço dos Índios desde ao menos 1639. Suas provanças para admissão à Ordem de Cristo foram autorizadas em 29 de outubro de 1637 e recebeu o hábito, junto de 20 mil réis anuais de tença, por mercê de 9 de janeiro de 1642 que remunerava 24 anos de serviços seus, desde 1609 a 1633, “contra os inimigos de Europa e naturais daquelas partes”, além dos já prestados por seu pai Manoel de Sousa e seu avô Martim Afonso de Sousa.<sup>3</sup> Foi igualmente nomeado, por mercê régia de 25 de fevereiro de 1642, capitão-mor de todos os índios da repartição sul da América portuguesa, em remuneração de vários anos de serviço “em várias partes e cargos de guerra”<sup>4</sup>. De acordo com relatório do governador Francisco de Souto-Maior em 1645, a aldeia de São Lourenço “a cargo de Martim Afonso, capitão-mor dos

índios, que terá até trinta casais, que por estarem situados perto da cidade acodem muito bem a tudo o que lhes ordeno, mas como são tão poucos e é forçoso dar-lhes tempo para tratarem de seus mantimentos, vem a ser a sua ajuda de pouca consideração.<sup>5</sup> Martim Afonso de Sousa, o neto, foi compadre dos senhores de engenho capitão-mor Gaspar Carrilho de Matos e Domingos Carvalho de Figueiredo e do capitão Antônio de Sampaio, cavaleiro da Ordem de São Bento de Avis e membro da governança da cidade. Já era falecido em 1650.

Pais de:

1.1.1. Manoel Afonso de Sousa foi sargento-mor dos índios da repartição sul por mercê de 1642, servindo subordinado ao pai. Partiu acompanhado de um irmão para Lisboa em 1649 com o fim de requerer pessoalmente uma mercê régia mas como consequência de um ataque de piratas franceses ficou na ilha do Faial sem ter como prosseguir viagem. Solicitou em janeiro de 1650 que, em remuneração de seus serviços e dos de seu pai, a Coroa lhe desse de comer e vestir até que pudesse embarcar de volta para o Rio de Janeiro<sup>6</sup>.

Pais de:

1.1.1.1. Brás da Costa de Sousa, capitão-mor da aldeia de São Lourenço por carta-patente do governador Salvador Correia de Sá e Benevides em 1644, para substituir a ausência de Manoel de Sousa com o ordenado anual de 20 mil réis, por ser “descendente de outros índios beneméritos do serviço desta Coroa”.<sup>7</sup> Ainda servia como capitão da aldeia por ocasião da medição e demarcação judicial da sesmaria concedida a Araribóia feita em 1653<sup>8</sup>.

2. Amador de Sousa, capitão da expedição montada pelo governador Gaspar de Sousa para estabelecer uma aldeia de cem a duzentos índios defronte da ilha de Santana na foz do rio Macaé. Acompanhou-o um sobrinho chamado Manoel de Sousa.<sup>9</sup>

3. Uma filha de nome desconhecido era casada com Antônio Rodrigues de Góes que recebeu em sociedade com Martim Afonso em 8 de abril de 1573 uma sesmaria no lugar de Auguoapehy.<sup>10</sup>

4. Isabel de Sousa,<sup>11</sup> casada com o pedreiro João Batista, fundador da capela de São João Batista em Icaraí. Isabel faleceu em 10 de dezembro de 1627

Tiveram ao menos cinco filhos:<sup>12</sup>

4.1. Adrião Batista, batizado na Sé em 19 de março de 1616 e casado com Francisca Romeira.

Adrião teve ao menos três filhos:

4.1.1. João, batizado na Sé em 24 de agosto de 1637. Foram seus padrinhos o Capitão Francisco do Espírito Santo e Catarina Lopes.

4.1.2. Manoel, batizado na Sé em janeiro de 1640 tendo como padrinhos Manoel da Silva e [rasgado] Azevedo mulher de Francisco Fernandes, alfaiate.

4.1.3. Felipa Romeira, batizada na Sé em 28 de fevereiro de 1645 tendo como

padrinhos Ângelo Guilhermino e Luísa Henriques mulher do licenciado Francisco Álvares Guerra. Casou-se com Cristóvão Rodrigues de la Peña e faleceu em 29 de janeiro de 1663. Não há informação sobre filhos.

- 4.2. Quintiliano Batista, alistado no testamento do pai como herdeiro em 1643.
- 4.3. Domingas, batizada na Sé em 12 de julho de 1620 tendo como padrinhos o senhor de engenho Baltazar Rodrigues [Coutinho] e sua filha Isabel Cardoso.
- 4.4. Maria de Sousa, batizada na Sé em 27 de maio de 1622. Foi sua madrinha Isabel Tarouca, viúva de Amador Antunes de Carvalho. Ainda vivia em 1643.
- 4.5. Madalena Batista, batizada na Sé em 15 de março de 1625 tendo como padrinhos o capitão Francisco de Alvarenga e Maria de Sousa [Pereira Botafogo], mulher de Heliodoro Eobanos. Vivia ainda em 1643.

5. Ana de Sousa<sup>13</sup>, casada com Manoel Soares. Foram proprietários de terras em São Domingos, provavelmente as mesmas concedidas pela sesmaria contestada pelo capitão-mor Manoel de Sousa em 1616.

Pais de:

- 5.1. Gaspar Soares de Sousa, casado na Sé em 10 de junho de 1642 com Ana de Araújo, filha de Álvaro de Araújo e de Catarina da Silva. Foram testemunhas na cerimônia Domingos de Araújo, cunhado do noivo, o mercador Francisco Dias Frade e Pedro de Sá. Casou-se uma segunda vez com Maria do Zouro, filha de Manoel Fernandes do Zouro, o moço, e Isabel Martins, senhores de terras e fundadores da capela de Santo Antônio do Cacerebu. Foram testemunhas dessa segunda cerimônia Domingos de Araújo, cunhado do noivo, Pedro de Siqueira, marido de Estácia de Távora, e Pedro Pinheiro. Gaspar foi proprietário de terras próximas as Barreiras Vermelhas em Banda d'Além e de ao menos sete escravos da Guiné. Vendeu uma casa térrea de pedra e cal na rua da Misericórdia, vizinha à fortaleza de Santiago, ao sobrinho Francisco de Araújo em 1690<sup>14</sup> e ainda era vivo em 1692.

Pais de:

- 5.1.1. Domingos, filho do primeiro casamento batizado na Sé em 27 de março de 1644. Foram padrinhos Domingos de Araújo, tio paterno por afinidade, e Sebastiana Soares, tia paterna.
- 5.1.2. Juliana Soares, mulher parda, escrava e filha natural de Gaspar Soares de Sousa com Maria Angola. Juliana nunca se casou e parece ter vivido como prostituta, tendo 11 filhos de 6 pais diferentes, a maior parte deles lavradores de Banda d'Além. Faleceu em São João Batista de Icaraí em 20 de agosto de 1730 alegando ter recebido de seu pai e senhor por verba testamentária o direito sobre certas terras em São Domingos. Foi sepultada na igreja de São Domingos.

Pais de:

- 5.1.2.1. Úrsula do Zouro, filha de Juliana Soares com Manoel de Castilho, batizada em São João Batista de Icaraí em 27 de setembro de 1670 tendo como padrinhos Manoel Gonçalves e Maria dos Reis da Silva.

Casou-se com Domingos Gonçalves e teve ao menos dois filhos. Ainda era viva em 1726.

- 5.1.2.2. Pedro Soares, filho de Juliana Soares com o capitão Gonçalo Álvares Malheiro (6.3.1.1), seu primo em segundo grau, batizado em São João Batista de Icaraí em 16 de junho de 1672 tendo como padrinhos o capitão João Gomes da Silva (marido de 6.3.4.1) e a avó paterna Joana de Sousa (6.3). Casou-se na Sé em 16 de agosto de 1699 com Isabel Ribeira, natural de Jacarepaguá e filha do alferes Jorge Ribeiro de Bastos e de Inês de Marins. Foram testemunhas o capitão Pedro Nunes e Manoel Barbosa. Pedro já era falecido em 1726.
- 5.1.2.3. Juliana da Rocha, filha de Juliana Soares com João da Rocha Cavalão, marido de sua prima Maria Soares do Desterro (5.4.3), batizada em São João Batista de Icaraí em 31 de maio de 1674 tendo como padrinhos o próprio pai João da Rocha Cavalão e Bárbara de Oliveira, sua tia materna adotiva. Casou-se com o capitão de artilharia Manoel Cardoso Ferreira, que na ocasião servia na fortaleza da Boa Viagem e mais tarde foi condestável da artilharia e engenheiro do fogo da praça do Rio de Janeiro. Ainda era viva em 1748.
- 5.1.2.4. Isabel de Lemos, filha de Juliana Soares com Belchior Rangel de Lemos, batizada em São João Batista de Icaraí em 18 de julho de 1675 tendo como padrinhos João Soares Viana e Maria Soares. Já era viúva em 1726.
- 5.1.2.5. João, filho de Juliana Soares com Belchior Rangel de Lemos, batizado em São João Batista de Icaraí em 20 de janeiro de 1677 tendo como padrinhos Sebastião Rodrigues e Clara Figueira. Não atingiu a maioridade.
- 5.1.2.6. Ana, filha de Juliana Soares com Belchior Rangel de Lemos, batizada em São João Batista de Icaraí em 20 de março de 1678 tendo como padrinhos João Figueira e Maria da Assunção. Já era falecida em 1726.
- 5.1.2.7. Inácio de Barros, filho de Juliana Soares com Ascenso de Barros, batizado em São João Batista de Icaraí em 6 de agosto de 1679. Foram seus padrinhos o pai Ascenso de Barros e Maria da Assunção. Ainda era vivo em 1726.
- 5.1.2.8. Joana, filha de Juliana Soares com pai incógnito, batizada em São João Batista de Icaraí em 4 de janeiro de 1682 tendo como padrinhos o primo Francisco de Araújo (5.4.1) e Maria da Assunção. Não mais existia em 1726.
- 5.1.2.9. Vitoriana, filha de Juliana Soares com pai incógnito, batizada em São João Batista de Icaraí em 3 de maio de 1683. Foram seus padrinhos Bento da Silva e Vitoriana da Assunção. Já era falecida em 1726.
- 5.1.2.10. Francisco Fernandes, filho de Juliana Soares com Belchior Rangel de Lemos, batizado em São João Batista de Icaraí em 23 de junho de

1685. Foram seus padrinhos o primo Francisco de Araújo (5.4.1) e Isabel. Era homem pardo. Casou-se na Sé em 8 de fevereiro de 1711 com Antônia de Sousa, mulher negra escrava do capitão Antônio de Sousa Cerqueira. Casou-se pela segunda vez também na Sé em 23 de setembro de 1714 com Joana Cardosa, filha de Lourenço e de Cristina Cardosa, escrava do cônego Francisco Barbosa. Ainda vivia em 1726.

5.1.2.11. José, filho de Juliana Soares com Roque Godinho, batizado em São João Batista de Icaraí em 31 de julho de 1689 tendo como padrinho André Ribeiro. Não atingiu a maioridade.

5.1.3. Bárbara, exposta em casa de Gaspar de Sousa e Maria do Zouro e batizada na Sé em 16 de fevereiro de 1681 tendo como padrinhos o próprio Gaspar Soares e sua irmã Sebastiana de Sousa.

5.1.4. Apolinária de Oliveira, exposta em casa de Gaspar Soares de Sousa e Maria do Zouro e casada em São João Batista de Icaraí em 18 de setembro de 1676 com Domingos Dias de Oliveira, filho de Tomé Dias e Cipriana de Oliveira.

Pais de:

5.1.4.1. Cipriana, batizada em São João Batista de Icaraí em 23 de março de 1677 tendo como padrinhos o avô paterno Domingos de Oliveira e a avó materna Maria do Zouro.

5.1.4.2. Domingos, batizado em São João Batista de Icaraí em 8 de março de 1679 tendo como padrinhos Gonçalo de Oliveira e Maria Soares.

5.1.4.3. Rafael Dias de Oliveira, batizado em São João Batista de Icaraí em 2 de março de 1681. Foram seus padrinhos Belchior Dias e Sebastiana Soares. Casou-se na Sé em 1 de fevereiro de 1713 com Faustina de Sousa, filha de Pedro de Magalhães e Lourença Rodrigues.

5.1.4.4. Isabel, batizada em São João Batista de Icaraí em 26 de julho de 1688.

5.1.4.5. Manoel, batizado em São João Batista de Icaraí em 29 de abril de 1691 tendo como padrinhos os primos Francisco de Araújo (5.4.1) e sua mulher Sebastiana da Silva Soares.

5.2. Sebastiana Soares, casada com o ajudante João da Rocha Paris, falecido entre 1673 e 1679. Sebastiana ainda vivia em 1695.

Pais de:

5.2.1. Manoel batizado na Sé em 12 de junho de 1633. Foram seus padrinhos o cunhado Manoel da Silva e a tia materna Violante Soares (5.4), mulher de Domingos de Araújo.

5.2.2. Maria, exposta em casa de Sebastiana Soares, viúva, e batizada em São João Batista de Icaraí em 2 de março de 1681 tendo como padrinhos a própria Sebastiana Soares e seu sobrinho Francisco de Araújo (5.4.1).

5.2.3. Inês Soares da Rocha, casada com Manoel da Silva.

Pais de:

5.2.3.1. Faustina, batizada em São João Batista de Icaraí em 21 de fevereiro de 1673 tendo como padrinho o avô João da Rocha Paris.

5.3. Margarida Soares, casada com Vicente de Miranda, falecido antes de 1628.

5.4. Violante Soares,<sup>15</sup> casada na Sé em 10 de setembro de 1618 com Domingos de Araújo. Foram testemunhas Felipe Ferreira e Afonso Gonçalves de Azevedo com seus dois filhos Gonçalo Álvares Malheiro e João Gonçalves de Azevedo, estes dois últimos casados com primas da noiva (6.2 e 6.3).

Tiveram dois filhos:

5.4.1. Francisco de Araújo Soares, batizado na Sé em 29 de setembro de 1619, tendo como padrinhos Manoel Correia e Joana de Sousa (6.3), mulher de Gonçalo Álvares Malheiro. Casado com Sebastiana da Silva Soares.

O casal teve os seguintes filhos:

5.4.1.1. Violante, batizada na Sé em 27 de abril de 1653 tendo como padrinhos o capitão Cosme da Guarda Maciel e sua avó Violante Soares. Foi crismada em São João Batista de Icaraí em 12 de maio de 1667 com Margarida Soares (5.3) como madrinha.

5.4.1.2. Capitão José da Silva Mota, batizado em 4 de fevereiro de 1661 em São João Batista de Icaraí. Foi padrinho o tio paterno Manoel de Araújo (5.4.2). Casou-se com Isabel Antunes, filha de Manoel Rodrigues Vila Franca e Francisca de Magalhães e faleceu no dia 22 de fevereiro de 1727 em Saquarema, onde tinha terras.

5.4.1.3. João da Silva, batizado em 17 de julho de 1663 em São João Batista de Icaraí. Foram padrinhos João da Rocha Cavalão (marido de 5.4.3) e Catarina Soares. Casou-se na Sé em 9 de dezembro de 1689 com Maria Correia da Silva, filha de Francisco Correia e Bárbara Soares. Era soldado na colônia do Sacramento em 1702.

5.4.1.4. Manoel, batizado em São João Batista de Icaraí em 13 de fevereiro de 1668 tendo como padrinhos Paulo Cardoso de Azeredo e Margarida Soares (5.3).

5.4.1.5. Antônio, batizado na Sé em 20 de maio de 1670. Foi padrinho Manoel Rodrigues Arronches.

5.4.1.6. Domingos de Araújo Soares, crismado em São João Batista de Icaraí em 12 de maio de 1667 com Antônio Maciel Tourinho (marido de 6.3.4) como padrinho. Casou-se com Luzia Gonçalves.

5.4.1.7. Francisco de Araújo Soares. Ainda era vivo em 1733. 5.4.1.8. Jacinta da Silva e Araújo, casada com Bernardo de Oliveira.

5.4.1.9. Maria dos Reis, casada na Sé em 7 de julho de 1671 com Antônio da Silva, filho de Sebastião Gonçalves e Margarida da Silva. Foram testemunhas Antônio Correia, João do Rego e seu irmão Domingos de Araújo. Maria recebeu como dote do irmão Francisco 500 braças de terra em Ipiúba, nos fundos da aldeia de São Lourenço, que haviam sido de seu tio Manoel de Araújo Soares.

5.4.2. Manoel de Araújo Soares, batizado na Sé em 17 de fevereiro de 1639. Foram seus padrinhos o capitão João Gomes Sardinha e Maria de Sousa (6.2.4), mulher do capitão Estevão Tourinho Pacheco. Manoel residia em 1697 em um sítio em São Domingos, próximo da praia das Flechas e tinha também uma casa na cidade, presumivelmente herdada de seu pai, junto a fortaleza de São Tiago com fundos para o mar. Já era falecido em 1701 e legou seus bens no testamento aos sobrinhos, filhos de seu irmão Francisco. Seu patrimônio incluía propriedades na cidade do Rio de Janeiro avaliadas em 940 mil réis, um sítio em São Domingos com uma casa coberta de telhas, terras entre as praias de Icaraí e do Saco de São Francisco e uma propriedade rural em Ipiúba, nos fundos da aldeia de São Lourenço, com meia légua de testada e 500 braças de sertão.

5.4.3. Maria Soares do Desterro, exposta em casa de Violante Soares e por ela criada. Casou-se em São João Batista de Icaraí em 26 de novembro de 1673 com João da Rocha Cavalão, natural de Fontão em Ponte de Lima e filho natural do ajudante João da Rocha Paris (marido de 5.2) com uma certa Justa Pereira. A noiva era, por consequência, filha adotiva de uma irmã da madrastra do noivo. Serviram como testemunhas João de Barcelos Machado, o tio da noiva Gaspar Soares (5.1) e o pai do noivo João da Rocha Paris. João da Rocha Cavalão, estabelecido em terras doadas pelo cunhado Manoel de Araújo Soares ao pé do morro entre as praias de Icaraí e São Francisco, foi o fundador da fazenda do Cavalão que deu nome ao morro.

O casal teve os seguintes filhos:

5.4.3.1. Joana, batizada em São João Batista de Icaraí em 17 de maio de 1674. Foram padrinhos Domingos de Oliveira (marido 5.1.4) e Violante Soares, sua avó.

5.4.3.2. Domingos, batizado em São João Batista de Icaraí em 13 de abril de 1675. Foram padrinhos o primo Domingos de Araújo e Violante Soares (5.4), sua avó.

5.4.3.3. Vitória, batizada em São João Batista de Icaraí em 1 de março de 1676. Foi madrinha a tia-avó Sebastiana Soares (5.2), viúva.

5.4.3.4. Salvador da Rocha Pereira, batizado em São João Batista de Icaraí em 26 de abril de 1677. Foram padrinhos Manoel Pestana e a tia-avó Sebastiana Soares (5.2), viúva. Salvador casou-se na Sé em 7 de setembro de 1699 com Francisca de Oliveira, filha de Manoel de Oliveira e Sebastiana de Oliveira, ambos já falecidos na ocasião. Foram testemunhas na cerimônia Antônio Álvares de Magalhães e Diogo Verde.

5.4.3.5. Sebastião, batizado em São João Batista de Icaraí em 25 de janeiro de 1680. Foram padrinhos João Soares Viana e a prima Maria dos Reis.

5.4.3.6. Mariana de Luna, batizada na Sé em 5 de agosto de 1681 tendo como padrinhos o negociante Francisco de Castro Soares<sup>16</sup> e Isabel

Rodrigues. Mariana casou-se na igreja de São José em 25 de abril de 1696 com o negociante inglês Thomas Ley, já viúvo de Ana dos Reis também de Icaraí. Ley servia como cônsul do Reino da Inglaterra no Rio de Janeiro, tinha uma loja de sobrado na rua Direita, partidos de cana e parece ter sido sócio na armação de pesca de baleias da Ponta da Areia. Serviram como testemunhas na cerimônia José Gomes da Silva, o médico cristão-novo Dr. João da Mota Leite e Maria de Siqueira, viúva do capitão Afonso Gonçalves de Azevedo (6.2.3). Mariana casou-se pela segunda vez na Candelária em 20 de julho de 1701 com Francisco Álvares Malheiro, filho de Gonçalo Álvares Malheiro (6.3.1.1) e de Cipriana Francisca Cubas. Foram testemunhas Inácio Correia e Francisco Coutinho. Ainda era viva em 1751.

5.4.3.7. José, batizado na Sé em 6 de fevereiro de 1684 tendo como padrinhos Sebastião Álvares e Bárbara da Cruz.

5.4.3.8. Antônio, batizado na Sé em 2 de novembro de 1686 tendo como padrinhos João Pereira e Jacinta de Oliveira.

5.4.3.9. Helena, batizada na Sé em 22 de maio de 1689 tendo como padrinhos Manoel Alves Pires e Helena Inácia de Faria, mulher do negociante Francisco de Almeida Jordão.

5.4.3.10. Clemente, batizado em São João Batista de Icaraí em 26 de dezembro de 1692. Foram padrinhos Domingos João, o moço, e Luzia Mendes.

5.4.3.11. Amador, batizado em São João Batista de Icaraí em 14 de fevereiro de 1694. Foi padrinho o padre João Álvares Maciel (6.3.4.2).

5.4.4. Violante Soares, a moça, que parece ter sido também filha de Violante Soares, a velha. Casou-se em São João Batista de Icaraí em 27 de março de 1674 com Luís da Costa. O casal era proprietário de um partido de canas em São Lourenço.

É conhecido um único filho do casal:

5.4.4.1. Félix, batizado em São João Batista de Icaraí em 6 de junho de 1675. Foram padrinhos Estevão Dias [de Queiróz] e Sebastiana Soares (5.2), viúva e irmã de Violante Soares, a velha.

6. Maria de Sousa, casada com Gaspar Vaz, soldado estacionado na Bahia que fez parte da armada de Estácio de Sá e participou do destacamento enviado para socorrer seu sogro na aldeia de Gebiracica de um ataque franco/tamoio.<sup>17</sup> Parece ter residido na aldeia ou próximo dela em 1574 e tinha terras em Inhaúma, tendo apresentado protestos na demarcação da sesmaria jesuíta feita nesse ano.<sup>18</sup> Viveu por muitos anos do ofício de tecelão e comprou uma sesmaria concedida ao meirinho João da Silveira confrontando com as terras de São Lourenço. Tanto Gaspar quanto Maria já eram falecidos em 1608.

Tiveram os seguintes filhos:

6.1. Licenciado Rui Vaz Pinheiro,<sup>19</sup> casado com Isabel de Araújo. Foi proprietário de



casas de sobrado na rua Direita ao lado do convento do Carmo e era credor do senhor de engenho Antônio Tavares. Já era falecido em 1621. Segundo o testamento de sua esposa falecida em 17 de maio de 1652, não tiveram filhos.

- 6.2. Maria de Sousa, casada com João Gonçalves de Azevedo, também conhecido pelos nomes João Álvares e João Gonçalves Malheiro, filho de Afonso Gonçalves de Azevedo e Maria Gonçalves. Era cavaleiro-fidalgo da Casa Real e serviu como vereador da Câmara do Rio de Janeiro, tesoureiro do fisco do Santo Ofício, alferes da fortaleza de Santa Cruz e guarda dos navios que entravam e saíam da Guanabara.<sup>20</sup> João informou em seu testamento ser também proprietário de terras, uma olaria e alguns escravos da Guiné.

Tiveram ao menos quatro filhos:

- 6.2.1. Úrsula, batizada na Sé em 31 de agosto de 1623 tendo como padrinhos Diogo de Castro e a tia Joana de Sousa (6.3), mulher de Gonçalo Álvares Malheiro.

- 6.2.2. Antônio de Sousa Malheiro, alferes da fortaleza de Santa Cruz onde faleceu durante uma violenta ressaca do mar em 21 de maio de 1646. Não se casou, mas teve uma filha natural com Verônica do gentio da Guiné, escrava de João Soares [Viana]:

- 6.2.2.1. Escolástica, batizada na Sé em 26 de fevereiro de 1634 tendo como padrinhos Francisco Rodrigues e Catarina Rodrigues, sua mulher. Seu pai a reconheceu no testamento e solicitou que fosse alforriada e recebesse algum modo de estado.

- 6.2.3. Afonso Gonçalves de Azevedo, capitão e vereador da Câmara do Rio de Janeiro, casado com Maria de Siqueira e falecido em 27 de maio de 1650. Senhor de um engenho em Meriti.

Teve cinco filhos:

- 6.2.3.1. Martim, batizado na Sé em 18 de novembro de 1638 tendo como padrinhos o capitão Cristóvão Vaz, marido da tia avó Joana de Sousa (6.3), e Maria de Sousa (6.2.4), tia paterna casada com o capitão Estevão Tourinho. Martim ainda vivia quando o pai faleceu em 1650.

- 6.2.3.2. Vitória, batizada na Sé em 13 de março de 1642 tendo como padrinhos o capitão Heliodoro Eobanos e Grácia Moniz, segunda esposa do avô paterno João Gonçalves de Azevedo. Sua ausência entre os filhos alistados pelo pai no testamento sugere que deva ter falecido antes de 1650.

- 6.2.3.3. João, batizado na Sé em 28 de maio de 1644. Seus padrinhos foram o avô paterno João Gonçalves de Azevedo e Petronilha Fagundes, mulher de João Fagundes. O assento de batismo inclui uma anotação posterior de que o padrinho na verdade foi Antônio Barbosa. Estava vivo por ocasião do falecimento de seu pai em 1650.

- 6.2.3.4. Escolástica, batizada na Sé em 8 de agosto de 1646 tendo como padrinhos João Correia da Silva e Paula de Brito mulher de Antônio Freire. Presumivelmente já não mais existia em 1650.

6.2.3.5. Maria de Sousa Malheiro, batizada na Sé em 24 de fevereiro de 1648 tendo como padrinhos Domingos de Araújo e sua mulher Violante Soares (5.4). Casada com o capitão Agostinho Maciel Tourinho.<sup>21</sup>

6.2.4. Maria de Sousa de Azevedo, casada antes de 1630 com o Capitão Estevão Tourinho Pacheco, filho de Francisco Borges Pacheco. Estevão foi capitão de artilharia e proprietário do ofício de alferes da fortaleza de Santa Cruz.

O casal teve os seguintes filhos:

6.2.4.1. João, batizado na Sé em 1 de setembro de 1630 tendo como padrinhos Diogo de Sá da Cunha e Joana de Sousa (6.3), tia-avó da criança.

6.2.4.2. Estevão Tourinho, o moço, batizado na Sé em 14 de março de 1632 tendo como padrinhos o avô João Gonçalves de Azevedo e Isabel, mulher de Antônio Pacheco. Faleceu solteiro aos 23 anos de idade em 25 de maio de 1655.

6.2.4.3. Maria Tourinha Maciel, batizada na Sé aos 16 de junho de 1639. Foram seus padrinhos o capitão Cristóvão Vaz, marido da tia-avó Joana de Sousa (6.3), e Maria Rangel, mulher de Manoel Barbosa. Maria casou-se antes de 1681 com o capitão Manoel Barbosa Pinto.. Enviuvando em 16 de agosto de 1681, casou-se pela segunda vez em 22 de fevereiro de 1682 com João Velho Barreto.

6.2.4.4. Capitão Antônio Maciel Tourinho, casado com Margarida Borges (6.3.4.8) e falecido em São João Batista de Icaraí em 31 de agosto de 1725.

6.2.4.5. Ana Tourinha, casada com Manoel Barbosa de Leão.

6.2.4.6. Vitória Maciel Tourinho, casada na Candelária em 4 de agosto de 1683 com o capitão Inácio Rangel de Azeredo Coutinho.

6.3. Joana de Sousa,<sup>22</sup> casada antes de 1608 com Gonçalo Álvares Malheiro, também conhecido como Gonçalo de Aguiar. Seu marido era filho de Afonso Gonçalves de Azevedo e de Maria Gonçalves, sendo, portanto, irmão de seu concunhado João Gonçalves de Azevedo. Segundo seu depoimento em 1620, no processo de beatificação do padre José de Anchieta, Gonçalo teria nascido em 1560 na localidade de Poiães em Ponte de Lima. Serviu como bombardeiro da fortaleza de Santa Cruz na década de 1590 e foi vereador do Senado da Câmara do Rio em 1626. O casal foi proprietário de terras e de um engenho de açúcar de invocação São João Batista na praia de Icaraí, confrontando pelo leste e oeste com terras de Violante Soares (5.4) e pelo norte com a aldeia de São Lourenço. Depois de enviudar entre 1633 e 1636, Joana de Sousa casou-se pela segunda vez com o também viúvo Capitão Cristóvão Vaz, este finado em 5 de maio de 1654. Joana faleceu em 17 de março de 1678.

Teve do primeiro casamento os seguintes filhos:

6.3.1. Antônio Álvares Malheiro, batizado em casa em risco de vida por João Batista (marido 4) e registrado na Sé em 10 de abril de 1627, tendo como madrinha a

tia-avó materna Isabel de Sousa (4), mulher de João Batista. Foi lavrador de canas. Casou-se antes de 1651 com Ana Tourinha Maciel, filha de Roque Brochado Galaz e Guiomar de Campos Tourinha. Antônio já era falecido em 1678.

O casal teve ao menos dois filhos:

6.3.1.1. Capitão Gonçalo Álvares Malheiro, batizado em São Gonçalo em 22 de outubro de 1651 tendo como padrinhos Pedro de Carvalhais e sua mulher Maria de Sousa, filho e nora do Capitão Cristóvão Vaz. Casou-se em Taubaté em 13 de janeiro de 1671 com Cipriana Francisca Cubas, natural de São Paulo e filha de Manoel Francisco de Matos e Domingas Dias Furtada. Foram testemunhas na cerimônia Manoel Fernandes Edra e seu genro Amaro Gil, parentes da noiva. Gonçalo contraiu um segundo matrimônio em 1672 na freguesia de Nossa Senhora do Socorro no recôncavo bahiano, sendo ainda viva sua primeira mulher, com Catarina Nunes Barbosa, filha do senhor de engenho Pedro de Azevedo Cardoso e de Maria Correia. Segundo seu relato, esse segundo casamento foi contraído sob coação do pai da noiva e não produziu filhos. Foi preso e julgado pelo Santo Ofício pelo crime de bigamia em 1690, tendo sido condenado a um ano de degredo para Castro Marim e ao cumprimento de penitências no Rio de Janeiro. Faleceu em 8 de fevereiro de 1709 no Rio de Janeiro.

6.3.1.2. Catarina de Sousa, casada na Sé em 12 de janeiro de 1665 com João Rodrigues Esteves, natural de Vila Nova de Cerveira e filho de João Rodrigues Alfaia e Maria Esteves. Foram testemunhas João Gomes, Miguel do Couto e André de Sousa.

6.3.2. Maria de Sousa Álvares, batizada na Sé em 5 de dezembro de 1629 tendo como padrinhos João Gonçalves de Azevedo (marido 6.2), tio paterno, e Maria de Sousa (6.2.4), prima casada com Estevão Tourinho. Segundo depoimento ao Santo Ofício da cristã-nova Isabel Mendes em 1626, Maria de Sousa foi casada primeiramente com um certo Antônio de Barros que deve ter falecido antes de seu segundo casamento com Pascoal Antunes Santiago, filho de Baltazar Antunes Santiago e Inês Henriques. Não há informações sobre filhos de nenhum dos dois relacionamentos. Ainda vivia em 1698.

6.3.3. Catarina Ferrão, casada com o capitão Francisco de Seixas da Fonseca.

Teve ao menos dois filhos:

6.3.3.1. Baltazar, batizado na igreja de São Lourenço dos Índios em 29 de julho de 1638 tendo como padrinhos Cristóvão Vaz, marido da avó Joana de Sousa, e Helena da Silva (tia paterna de João Gomes da Silva, marido 6.3.4.1), mulher de João Correia da Silva.

6.3.3.2. Maria, batizada na Sé em 16 de fevereiro de 1647 tendo como padrinhos Diogo Lobo e Helena Antônia, mulher de Cristóvão.

6.3.4. Domingas Malheira, batizada na igreja de São Lourenço dos Índios, casada em São Gonçalo com o capitão Antônio Maciel Tourinho e falecida na cidade do Rio de Janeiro em 14 de dezembro de 1711.

Teve os seguintes filhos:

- 6.3.4.1. Ana Malheira, batizada em 23 de fevereiro de 1649 tendo como padrinhos Francisco de Seixas (marido 6.3.3) e Maria Domingos. Casou-se em São João Batista de Icaraí em 14 de abril de 1663 com o Capitão João Gomes da Silva, filho do Capitão Teotônio da Silva e de Ana de Azevedo e neto materno do Capitão Cristóvão Vaz (segundo marido 6.3).
- 6.3.4.2. Licenciado padre João Álvares Maciel, nascido em 1652 e ainda vivo em 1688.
- 6.3.4.3. Alferes Francisco Borges Tourinho, casado na Sé em 15 de fevereiro de 1684 com Petronilha dos Prazeres, filha de Manoel Correia Vasqueanes e de Maria dos Prazeres e neta do ex governador do Rio de Janeiro Duarte Correia Vasqueanes do clã Correia de Sá. Foram testemunhas o Capitão Inácio de Oliveira, Manoel Barbosa de Lima e Mariana de Sousa. Por ocasião de sua morte em Cabo Frio em 18 de janeiro de 1720 Francisco tinha uma olaria e seis escravos.
- 6.3.4.4. Diogo Dias Borges casado na Sé em 15 de fevereiro de 1684 com Maria dos Prazeres, filha de Manoel Correia Vasqueanes e Maria dos Prazeres, irmã de sua cunhada Petronilha dos Prazeres (mulher 6.3.4.3).
- 6.3.4.5. Joana, batizada em São João Batista de Icaraí em 10 de junho de 1661. Foram seus padrinhos Antônio Gonçalves e Jerônima de Azevedo.
- 6.3.4.6. Josefa, batizada em São João Batista de Icaraí em 15 de abril de 1664 tendo como padrinhos Antônio Cardoso, casado com Ana Maria, e Paula Rangel.
- 6.3.4.7. Jacinta, batizada em São João Batista de Icaraí em 13 de junho de 1666 tendo como padrinhos João Gomes da Silva (marido 6.3.4.1) e Sebastiana Soares (5.2).
- 6.3.4.8. Margarida Borges, casada com o capitão Antônio Maciel Tourinho (6.2.4.4), seu primo, filho de Estevão Tourinho Pacheco e Maria de Sousa de Azevedo. Margarida faleceu em 17 de junho de 1718. Segundo seu testamento, não tiveram filhos.

## Notas:

<sup>1</sup> Acompanhamos o raciocínio de Rafael Freitas da Silva, *Arariboia: O indígena que mudou a história do Brasil - Uma biografia* (Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022).

<sup>2</sup> Maurício de Almeida Abreu, *Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)*, vol. 1 (Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2010) pág 340.

<sup>3</sup> “Carta de padrão com tença anual de 20 mil réis pagos no Brasil e o hábito de Cristo para Martim Afonso de Sousa” (Manuscrito, Lisboa, 9 de janeiro de 1642), Arquivo Nacional da Torre do Tombo,

- [https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=1817691&FileID=PT-TT-RGM-S-0001\\_m0106.tif](https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=1817691&FileID=PT-TT-RGM-S-0001_m0106.tif).
- <sup>4</sup> “Carta patente de capitão-mor dos índios da repartição do sul de Martim Afonso de Sousa” (Manuscrito, Lisboa, 25 de maio de 1642), PT/TT/RGM/Q/0022/22v, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, [https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=2130314&FileID=PT-TT-RGM-Q-0022\\_m0048.tif](https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=2130314&FileID=PT-TT-RGM-Q-0022_m0048.tif).
  - <sup>5</sup> “Carta do governador do Rio de Janeiro sobre o estado das fortalezas da barra” (Manuscrito, Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1645), AHU\_ACL\_CU\_017, Cx. 2Doc. 135, Arquivo Histórico Ultramarino, [http://resgate.bn.br/docreader/017\\_rj\\_av/1010](http://resgate.bn.br/docreader/017_rj_av/1010).
  - <sup>6</sup> “Consulta do Conselho Ultramarino sobre a pretensão do sargento-mor Manoel Afonso de Sousa de lhe ser dado vestuário e alimentos enquanto não regressasse ao Brasil” (Manuscrito, Lisboa, 13 de janeiro de 1650), AHU\_ACL\_CU\_017-1, Cx. 4Doc. 685, Arquivo Histórico Ultramarino, [http://resgate.bn.br/docreader/017-1\\_rj/1720](http://resgate.bn.br/docreader/017-1_rj/1720).
  - <sup>7</sup> “Requerimento de Manoel de Jesus e Sousa solicitando o soldo de seu posto” (Manuscrito, Lisboa, 28 de setembro de 1795), AHU\_ACL\_CU\_017, Cx. 155Doc. 11751, Arquivo Histórico Ultramarino, [http://resgate.bn.br/docreader/017\\_rj\\_av/92792](http://resgate.bn.br/docreader/017_rj_av/92792).
  - <sup>8</sup> “Treslado de medição das terras dos índios de São Lourenço” (Manuscrito, Rio de Janeiro, 12 de março de 1653), AGCRJ, Códice 40-3-71, pág 62-66, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.
  - <sup>9</sup> Augusto de Carvalho, Apontamentos para a História da Capitania de São Tomé (Campos dos Goytacazes: Carneiro & Comp., 1888), <https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.html>.
  - <sup>10</sup> Elysio de Oliveira Belchior, Conquistadores e Povoadores do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro: Brasiliense, 1965).
  - <sup>11</sup> A atribuição da paternidade de Isabel de Sousa a Araribóia é parcialmente especulativa. Baseia-se na solicitação de uma sesmaria por João Batista em conjunto com Manoel Soares, este sim sabidamente genro do líder indígena. Os compadrios de João Batista e Isabel de Sousa com outros decendentes de Araribóia também reforçam a tese do parentesco.
  - <sup>12</sup> Carlos Rheingantz, Primeiras Famílias do Rio de Janeiro (Séculos XVI e XVII), vol. I (Rio de Janeiro: Livraria Brasiliense, 1965), pág 245.
  - <sup>13</sup> Os quatro lhos de Ana de Sousa apresentaram-se como herdeiros de Martim Afonso de Sousa Araribóia por ocasião de uma escritura de doação de terras para a constituição do patrimônio da capela de Nossa Senhora da Conceição em Banda d’Além em 1671 conforme Renata Aymoré Gama, Arquiconfraria Nossa Senhora da Conceição: 350 anos de fé e bênçãos (Niterói: DB Editora, 2021).
  - <sup>14</sup> “Escritura de venda de uma morada de casas que faz Gaspar de Sousa a seu sobrinho Francisco de Araújo Soares” (Manuscrito, Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1690), AGCRJ, Códice 42-4-88, p. 814, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, <https://mauricioabreu.com.br/escritura?id=6296>.
  - <sup>15</sup> Violante Soares, a velha, é chamada por certos autores de Violante do Céu Soares de Sousa. Não encontramos o uso desse nome em nenhum registro contemporâneo e desconhecemos sua origem.
  - <sup>16</sup> Francisco de Castro Soares, negociante e familiar do Santo Ofício, era natural da freguesia de Fontão em Ponte de Lima, a mesma de João da Rocha Cavalão, seu compadre. É possível que tenha havido parentesco entre os dois.
  - <sup>17</sup> A filiação e o casamento de Maria de Sousa é estabelecido em “Requerimento de João Gonçalves de Azevedo no qual pede que se lhe faça mercê do posto de alferes do forte de Santa Cruz” (Manuscrito, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1623), AHU\_ACL\_CU\_017-1, Cx. 1Doc. 9, Arquivo Histórico Ultramarino, [http://resgate.bn.br/docreader/017-1\\_rj/20](http://resgate.bn.br/docreader/017-1_rj/20).
  - <sup>18</sup> Maurício de Almeida Abreu, Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502-1700), vol. 1 (Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2010), pág 324.
  - <sup>19</sup> O licenciado Rui Vaz aparece entre os herdeiros de Araribóia representados pelo procurador Afonso Gonçalves de Azevedo em “Pública forma de sentença do procurador da Fazenda Real a favor de Rui Gomes Bravo contra Gonçalo Álvares Malheiro e João Gonçalves de Azevedo” (Autos processuais, Rio de Janeiro, 19 de junho de 1736), BR RJAMSBRJ.16.325, Arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.
  - <sup>20</sup> “Auto de inquirição de testemunhas a que procedeu o Juiz Ordinário Baltazar de Seixas Rebelo sobre a identidade e serviços de João Gonçalves de Azevedo, os de seu pai Afonso Gonçalves de Azevedo e os de Gaspar Vaz e Martim Afonso de Souza.” (Manuscrito, Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1608), AHU\_ACL\_CU\_017-1, Cx. 1Doc. 15,

Arquivo Histórico Ultramarino, [http://resgate.bn.br/docreader/017-1\\_rj/20](http://resgate.bn.br/docreader/017-1_rj/20).

- <sup>21</sup> Dalmiro da Motta Buys de Barros descreve o processo de habilitação matrimonial em 1688 de Antônio de Sá da Silva e Helena de Azevedo, esta última neta de Maria de Sousa Malheiros. A noiva declara ter sangue do gentio da terra em grau remoto por seu lado materno, indicando que mesmo a 6ª geração, um século após a morte de Araribóia, ainda tinha consciência do célebre antepassado. Banhos: Resumos dos processos de casamentos do bispado do Rio de Janeiro (do século XVII ao século XX), vol. 1 (Rio de Janeiro, 1990).
- <sup>22</sup> A filiação de Joana de Sousa fica estabelecida nos autos de uma disputa de terras entre Rui Gomes Bravo e Gonçalo Álvares Malheiro em que este último se apresenta como genro de Gaspar Vaz e herdeiro, na qualidade de cabeça de sua mulher, de Martim Afonso de Sousa. “Pública forma de sentença do procurador da Fazenda Real a favor de Rui Gomes Bravo contra Gonçalo Álvares Malheiro e João Gonçalves de Azevedo” (Autos processuais, Rio de Janeiro, 19 de junho de 1736), BR RJAMSB RJ.16.325, Arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.